

Capítulo 60 - DOI:10.55232/1084002060

**“O LADO ESCURO DA CIDADE DA LUZ: EXPLORAÇÃO
SEXUAL COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM
FORTALEZA/CEARÁ”**

Rita Soares de Araujo Teófilo

RESUMO: Apresenta-se nesse trabalho um estudo sobre o turismo sexual na cidade de Fortaleza/CE. O turismo sexual se concretiza em viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele, utilizando as suas estruturas, com a principal intenção de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino. Em razão da problemática evidenciada, o estudo tem como objetivo investigar a exploração sexual como atrativo turístico, identificar as motivações que levaram as profissionais a entrarem no ramo, como estão representadas no contexto social, e sua percepção sobre o papel que exercem na demanda turística de Fortaleza/CE. Tem caráter quantitativo, com análise qualitativa, e se constitui em pesquisa de campo, documental e bibliográfica, utilizando métodos descritivos e técnicas apropriadas para a investigação em Ciências Sociais, como questionário estruturado e entrevista semiestruturada. Os resultados comprovam a existência e influência da prostituição na demanda turística da cidade. Para coibir, seria muito importante que os empresários que através do turismo comercializam a sexualidade, principalmente aos estrangeiros, sejam denunciados e punidos, para que esse tipo de turismo não destrua mais famílias e comunidades. Além do surgimento de uma legislação que não permita lacunas para o fortalecimento da exploração sexual.

Palavras-chave: Palavras-chave: Prostituição. Exploração Sexual. Turismo Sexual.

1. INTRODUÇÃO

No encontro entre os turistas e a população local, as desigualdades podem ser reproduzidas pela organização comercial que se faz em torno da atividade, e essa diferença pode ocasionar impactos no âmbito social. O turismo sexual pode representar para algumas pessoas, mesmo que hipoteticamente, a oportunidade de ascensão social e estabilidade financeira para a família (Olivar, 2014; Oliveira, 2013; Costa 2011; Piscitelli, 2007).

O turismo sexual é considerado por Beni (2009) como um segmento do setor, e diante de uma análise mais ampliada, Ocha (2012) apresenta o caso da Tailândia, cujo turismo é um dos setores mais fortes na economia de serviços, considerando o importante incremento do segmento sexual. Apesar de existirem diversos estudos que consideram o turismo sexual como um nicho que mobiliza divisas dentro da abrangente atividade turística, o mesmo é assunto bastante polêmico, já que envolve discussões sobre moral, ética e constituição de valores, e corriqueiramente é considerado pela literatura como uma atividade que degrada e vitimiza os envolvidos (Oliveira, 2013).

É necessário dizer, porém, que a prática do turismo sexual é contrária ao Código de Ética Mundial do Turismo (OMT, 1999), que tem entre os seus princípios a defesa dos direitos humanos, a dignidade dos trabalhadores, o estímulo ao emprego e renda, o fomento à qualificação, ao desenvolvimento social e econômico.

Em razão da problemática evidenciada, o presente estudo tem como objetivo identificar as motivações que levaram as profissionais a entrarem nesta atividade, como estão representadas no contexto social e sua percepção sobre o papel que exercem na demanda turística de Fortaleza. Aplicou-se 62 (sessenta e dois) questionários estruturados, seguido de uma entrevista semiestruturada com gravação de áudio, autorizada pelas inqueridas.

Ao longo do trabalho, adentrou-se na literatura acadêmica que trata da atividade sexual como atividade profissional, representação histórica e social e os conceitos atrelados a prática turística na cidade de Fortaleza.

2. BASES TEÓRICAS PARA A COMPREENSÃO DA PROSTITUIÇÃO

Priore (2000) percebe que a concepção acerca da prostituição varia de acordo com a temporalidade. Inicialmente, a ideia predominante era que as mulheres se prostituíam por promiscuidade ou por necessidade. Somando-se a isso, vive-se numa cultura em que o machismo ainda é operante, na qual as mulheres sofreram historicamente com o processo de exclusão social, como argumenta Bem (2005, p. 36) que trata esse tipo de exclusão como “[...] um fenômeno típico do capitalismo [...] que atinge, sobretudo as mulheres [...] agindo de modo distinto sobre as representações e as práticas envolvendo gêneros”. Dimenstein (1992) afirma que o perfil comum desses profissionais inclui o fato de não possuírem aptidões valorizadas na sociedade ou de não terem oportunidades profissionais equivalentes aos demais.

No século XXI, dado, ao debate sobre a profissionalização dessa área, e as mudanças nos paradigmas morais da atualidade, as prostitutas se assumem, auto afirmando seu lugar social sem maiores constrangimentos. Em algumas sociedades onde a instituição do matriarcado predominou na organização social, a prostituição era vista como sagrada e praticada por mulheres que eram consideradas deusas e responsáveis pelos templos (ROBERT, 1992). Nesse contexto, a prática sexual fazia parte do procedimento de adoração às deusas, mas com o patriarcado, tal prática foi considerada pecaminosa, sendo delimitado que a sexualidade feminina deveria ser restrita ao casamento e à família, não sendo aceita a autonomia sexual exercida pelas prostitutas.

Dessa breve viagem aos tempos passados, pode-se perceber que a prostituição obedece às configurações sociais e temporais, variando de acordo com espaço-tempo, a flexibilidade das relações de trabalho e dos mercados, bem como dos padrões de consumo. Observa-se que atualmente as novas configurações sociais ligadas à globalização e ao capitalismo contemporâneo, as relações sociais, sexuais ou afetivas não obedecem às fronteiras geográficas, nem a padrões rígidos de conceituação.

Piscitelli (2005) ressalta que o mercado do sexo não se restringe apenas à prostituição convencional, mas encontram-se os indicadores de diferentes trabalhos sexuais, dentre eles, os desenvolvidos em bordéis, boates, bares, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual, através da internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornô, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sadomasoquismo e prostituição na rua.

A prostituição de luxo, por exemplo, não se baseia simplesmente pelos altos preços dos programas sexuais, mas por uma rede de serviços ligada a esse tipo de prostituição, tais como a exposição das garotas através de *sites* de acompanhantes, casas especializadas para atender a clientes das classes média-alta e alta; como também exigências de estética corporal, de discricção, e muitas vezes, a necessidade de conhecimentos de etiqueta para serem acompanhantes em viagens e eventos sociais.

A circulação e o acesso a informações de diferentes ordens promovidas pela globalização, através da Internet, parecem facilitar a busca pelo sexo pago, além de direcionar outros destinos em evidência, observa-se que:

Nas décadas de 1980, 1990 e 2000 os percursos dos turistas à procura de sexo se voltam para outros cenários, habitados por ‘novos’ seres apetecíveis para o consumo do sexo, ainda mais exóticos, ainda mais autênticos e, portanto, ainda mais eróticos. Nesse movimento, novas regiões-alvo, na América do Sul, tornam-se almeçados destinos (PISCITELLI, 2005, p. 286).

O sexo por computador também é algo crescente. Na maior parte da atividade sexual, via computador, ocorre por meio de conversas, sejam em *chats*, em salas reservadas, ou não, seja como derivação espontânea de interações pessoais (Beni, 2009). Cada vez mais temerosos de contágios e agressões físicas, os indivíduos procuram alternativas para expressar sua sexualidade, e na cultura brasileira de supervalorização da virilidade, o computador oferece um curto caminho para a fantasia sexual, principalmente porque a interação pode ser ou não visual, e as identidades podem ser preservadas (Belmiro, 2010).

O exercício da prostituição no Brasil não é crime. Porém, apesar de ser uma atividade reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego¹ como ocupação, não é uma profissão regulamentada. Ou seja, as prostitutas têm seus direitos trabalhistas negados e ocupam uma posição de maior vulnerabilidade, o que contribui para que trabalhem em um ambiente de violência e exploração.

1

O Ministério do Trabalho e Emprego é o órgão que regulamenta o trabalho e emprego no Brasil. Em 2002 a Classificação Brasileira de Ocupação foi atualizada e incluída a prostituição como ocupação.

A legislação penal brasileira considera crime, contudo, a indução e a exploração da prostituição, a manutenção de estabelecimentos em que ocorram a exploração sexual e o tráfico de pessoas para este fim.

3. TURISMO SEXUAL

Entende-se por turismo sexual viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele, utilizando as suas estruturas, com a principal intenção de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino². Esta é a definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) para o turismo sexual, portanto compreende-se que o motivo principal do turismo praticado dentro dessa tipologia envolve a existência de comercialização de relações sexuais.

O turismo tem um forte papel transformador desses destinos, além dos equipamentos tipicamente turísticos, também explora outros setores secundários da atividade, como os restaurantes, bares, lavanderia e segurança. Essa exploração também acontece com a população nativa, através da exploração sexual.

Algumas abordagens tentam qualificá-la como decorrência de problemas econômicos, ao passo que determinadas práticas tentam subestimá-la ou mesmo ignorá-la como fenômeno que, refletindo traços específicos das formações socioeconômicas e históricas das sociedades emissoras e receptoras, agregam vários problemas de difícil solução. Cabezas (2004) avalia que a dolarização da economia local devido aos investimentos em infraestrutura de lazer e entretenimento, a supervalorização do trabalho em áreas turísticas e a melhor possibilidade de auferir renda juntos aos visitantes temporários do destinos sejam os principais pontos de decisão para aqueles que se ocupam na prostituição. Autores como Rivers-Moore (2010) e Olivar (2014) apresentam em suas pesquisas que a submissão de mulheres na prostituição está atrelada ao consumo de bens e sustento familiar em regiões cuja atividade turística se desenvolve e torna-se o principal mercado gerador de oportunidades e renda.

2

www.unwto.org World Tourism Organization (Organização mundial do Turismo (OMT)).

Consideravelmente a exploração sexual no turismo tem de ser analisada com o desenvolvimento do próprio turismo, pois a sua existência está intimamente vinculada aos modelos inadequados de desenvolvimento da atividade turística. Sua existência reflete, de fato, a preexistência de problemas bem mais profundos, os quais, por sua vez, estão ligados às sociedades receptoras e emissoras de turistas.

O sociólogo Soares do Bem (2005) afirma que muitas configurações da prostituição estão alicerçadas na pobreza e na ausência de oportunidades. Assim, a classe pauperizada e excluída enxerga a prostituição como algo viável e rentável. O autor ainda esclarece que o turismo sexual é um fenômeno produzido pela exclusão social, sua principal causa, porque a população que sofre com esta dificuldade passa a encontrar nesta prática uma forma de mobilidade social.

Perlongher (1987) levanta uma multiplicidade de fatores que definem o ingresso de um indivíduo no mercado sexual. O fator econômico tende a ser determinante, essas condições fazem com que a prostituição seja visualizada como “estratégia de sobrevivência”. No entanto, a deserção ou expulsão da família e o cenário do trabalho assalariado funciona como alternativa.

Segundo Piscitelli (2005), as implicações sociais da prostituição envolvem a relação das mulheres com sexo, são entendidas como raiz de sua opressão e abuso. As prostitutas são vistas como passivas ou como objeto sexual, vítimas de exploração, por sua condição de carência afetiva, econômica e psicológica.

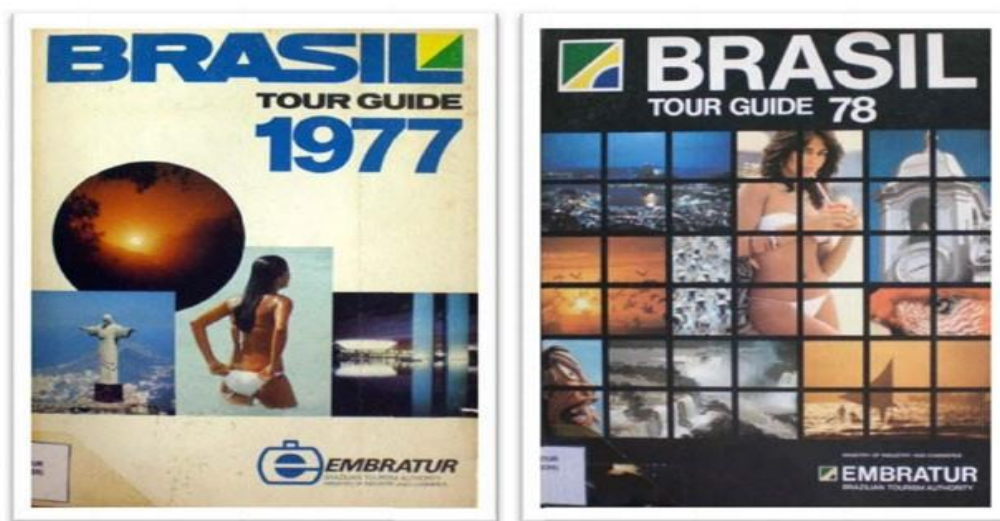
3.2 A MÍDIA A SERVIÇO DO SEXO

O tempo do “não trabalho” faz parte do tempo social, contrapartida do tempo dedicado à produção, daí a importância da indústria turística, uma vez que enormes setores produtivos se constroem a partir do não trabalho (CARLOS, 1999, p.29).

O valioso tempo de consumo do turismo tende a “empacotar” os lugares e, até mesmo, a população do lugar, a partir da criação de estereótipos, sendo o Brasil fruto de *slogans* como o país do futebol, do carnaval e do sexo. Sabe-se que em torno dessa referida imagem deturpada, caricatural e estereotipada do Brasil existe todo um mercado explorado e estimulado pela mídia.

Em seu estudo intitulado *A imagem do Brasil no Exterior*, a pesquisadora Kelly Kajihara (2008) confirma que essa imagem de país sexual foi associada ao Brasil, dentro do próprio órgão que regula o turismo no Brasil, a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo). Desde a criação do órgão, em 1966, principalmente nas décadas de 70, 80 e meados de 90, as campanhas publicitárias internacionais tinham, na maioria das vezes, imagens de mulheres sensualizadas, habitando cenários paradisíacos, portanto ficando clara a associação do Brasil ao paraíso do sexo fácil.

Figura 1 - Material de divulgação da EMBRATUR usadas em 1977 e 1978



Fonte: Reprodução- Adaptado de Kajihara (2008).

A figura 1 é composta por dois *folders*; o primeiro com o nome do Brasil, o ano de 1977 com a frase em inglês *Tour Guide* (Guia de Turismo) e a logomarca da EMBRATUR. Com quatro fotos apresentando as belezas brasileiras, salta aos olhos, instintivamente, a figura da mulher, centralizada no cartaz. No segundo exemplo, fica ainda mais evidente o apelo feminino para a visita ao país.

Contemporaneamente, Bignami (2002) e Bem (2005) asseguram que as imagens do país, no exterior, são também reflexos da televisão brasileira que, no conteúdo dos seus programas, arquiteta um povo sensual.

No caso do turismo sexual [...] é evidente que os discursos físicos continuam a ter funcionalidade, mas em uma positivação do 'outro' corpo. As preferências físicas, associadas às características do temperamento e das especificidades culturais, constroem cenários imaginários e fantasias que participam mesmo da definição dos roteiros turísticos, [...] Tais discursos estão presentes nos roteiros turísticos publicados, nas representações midiáticas em geral, na presença 'confirmadora' de integrantes de minorias étnicas e até mesmo no *marketing* institucional realizado por alguns países (BEM, 2005, p. 56).

Dessa forma parece impossível desassociar a imagem do Brasil com a sensualidade de suas mulheres. Porém, ultimamente, reconhecendo os malefícios dessa postura, a EMBRATUR vem travando uma luta contra a mídia para que essa prática seja esquecida e adota atualmente uma política inversa a anterior.

Piscitelli (2006) lembra que, mesmo com as diversas ações da sociedade, as quais promoveram o abandono das imagens de sensualidade feminina na publicidade turística oficial, ainda existe uma tendência em apresentar os lugares turísticos com imagens feminizadas, que às vinculam a noção de erotismo, em um apelo ao consumo através das metáforas construídas: “a sexualização [...] também ‘age’ através da linguagem com que se descrevem as belezas naturais” (PISCITELLI, 2006, p. 233).

4. FORTALEZA E O TURISMO SEXUAL

A cidade de Fortaleza possui população estimada em 2.571.896 habitantes, é a quinta cidade mais populosa do Brasil. Com 34 km de faixa litorânea, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) 2014. Tem no turismo uma das suas principais atividades econômicas, junto ao comércio e à indústria. Com isso, é considerada uma cidade turística, estando em 7º lugar no *ranking* das cidades mais bem avaliadas pelos visitantes do Brasil, segundo *site* de viagens TripAdvisor 2014³. Considerada a capital da luz, Fortaleza tem sol quase o ano todo, sendo assim uma cidade propensa ao turismo de sol e mar (Lazer). Como toda cidade turística, a capital cearense

3

www.tripadvisor.com.br 2014.

vem sofrendo as consequências do turismo. Entre esses impactos negativos está o Turismo Sexual.

Segundo um levantamento no Ministério do Turismo sobre a Demanda Turística Internacional de Fortaleza de 2005 a 2011⁴, os turistas que mais visitam a cidade são os italianos com 25,7%, os portugueses 14,5% e americanos (EUA) com 6,9%. Esses estrangeiros são de maioria masculina 69,4%, com idade entre 41 e 50 anos e com intenção de retorno 94,1%. Vêm, principalmente, à procura do turismo de lazer, 48,7%, seguido pelo turismo de negócio, com 13,1%.

A história do Turismo Sexual em Fortaleza está intimamente ligada aos voos *charter* (voos fretados). Segundo a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) criada no Congresso Nacional em dezembro de 2013 para investigar o turismo sexual, existem agências de turismo na Europa, principalmente na Alemanha e Itália, especializadas em vender pacotes turísticos sexuais, principalmente para cidades do nordeste brasileiro. Esses voos geralmente apresentam um percentual significativamente maior de homens, solteiros, de classe médio-baixa, com idade entre 30 e 50 anos.

Presencia-se abertamente a prostituição nas avenidas próximas à Beira-Mar, espaço turístico por excelência, onde se localizam os melhores hotéis, locadoras de veículos, sede de agências de turismo, bares, restaurantes e boates.

As profissionais do sexo atuam nessa área em busca de turistas de origem internacional, e que além dos pontos de encontros nas esquinas, algumas delas percorrem pontos turísticos da orla em busca de visitantes propenso ao comércio sexual.

Em paralelo a esta prática, comumente observam-se casais formados por estrangeiros e prostitutas. O estudo intitulado *Visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos* aborda essa realidade como um "turismo sexual não relacionado com retribuição comercial, que não configura prostituição, que constitui apenas o exercício da liberdade sexual" (BARRETTO, 2005, p. 11). A autora ainda informa que nesses relacionamentos, a moça é tratada como a "namorada ocasional", enfatizando a prática como uma atividade extra entre pessoas de baixa renda.

4

Demanda Turística Internacional divulgada em outubro de 2012.

Em oposição à crença de que nos serviços de prostituição não deve existir o sentimento amoroso, há estudos que apontam tendências tanto por parte da prostituta quanto do contratante de se estabelecerem a construção do aspecto social, marital e de convívio com novas possibilidades (Piscitelli, 2007; Oliveira, 2013).

O turista que procura o Turismo Sexual consome serviços que, além do transporte, hospedagem e alimentação, incluem o sexo com a população nativa do destino. Pode estar acertado no pacote de viagem, pode ser contratado no destino turístico, pode, também, acontecer na casualidade dos relacionamentos fugazes, nos "amores de verão", sem abranger, necessariamente, a exploração sexual. É uma atividade aparentemente marginal do turismo, que parece surgir da pobreza e da submissão sociocultural, a qual pode se organizar de diversas maneiras nos destinos turísticos e não precisa estar diretamente atrelada à prostituição e ao comércio do sexo.

O Turismo Sexual está incluso em uma cadeia marginalizada que envolve a prostituição, uso de bebidas alcoólicas, drogas, violência física, exploração de crianças e adolescentes e tráfico internacional de mulheres. Por conta disso é muito difícil o contato com essas mulheres, é um público muito fechado e, apesar do senso comum imaginar ser uma opção delas estarem ali (nas ruas), muitas culpam a sociedade por estar nessa condição.

A partir do que foi tratado, entende-se que a questão do turismo sexual precisa ser abordada em uma “escala multidimensional”, conforme propôs Opermann (1999). Nesse sentido, em razão da problemática evidenciada, o estudo tem como objetivo identificar as motivações que levaram as citadas profissionais a entrarem no ramo, como estão representadas no contexto social, e sua percepção sobre o papel que exercem na demanda turística de Fortaleza. Tem caráter metodológico quantitativo, com análise qualitativa, e se constitui em pesquisa de campo, utilizando técnicas apropriadas para a investigação em Ciências Sociais, com aplicação de questionário estruturado, contendo 12 perguntas fechadas, e entrevistas semiestruturada com permissão para gravação do áudio no seu ambiente de trabalho, durante 4 (Quatro) dias consecutivos e em horário noturno. A pesquisa foi limitada a profissionais que atuam nas ruas, sem facilitadores entres elas e clientes ou contatos institucionais.

No estudo participaram 62 profissionais do sexo, femininas, com faixa etária heterogênea, a partir de 18 anos; foi aplicado o questionário com 12 perguntas fechadas. As perguntas foram: 1 - O que motivou a entrada nesse ramo? 2 - Com que idade iniciou nesse ramo? 3 - Quanto tempo atua nesse ramo? 4 - Grau de estudo? 5 - Naturalidade dos clientes na sua maioria? 6 - Onde acontece a abordagem aos/dos clientes? 7 - Já foi explorada (o) financeiramente por algum facilitador? 8 - Você acredita na possibilidade de estabelecer relação amorosa duradoura com o cliente? 9- Já houve relacionamento amoroso com algum cliente? 10 - Você acredita existir turista que vem a Fortaleza em busca de sexo como atrativo? 11 - Como você vê o turismo para a prostituição? e 12 - Qual o cliente mais lucrativo? Os locais escolhidos para a aplicação da pesquisa foram as Avenidas Beira-Mar e Abolição, no Bairro Meireles, em Fortaleza. Nas datas de 22, 25, 27 e 28 de outubro de 2014, entre 19:00 e 23:00hs.

Contrariando os estudos de Bem (2005), que constatou a pobreza como motivação para o ingresso na atividade, 50% das entrevistadas alegaram alta remuneração como principal motivo, seguido de 29% para facilidade do mercado, 13% falta de emprego e incentivo familiar com 8%. Pode-se perceber que as profissionais do sexo que atuam no turismo sexual (Área Litorânea) de Fortaleza não entraram no ramo por miséria ou falta de emprego; na realidade, buscam ascensão social e qualidade de vida. Em uma conversa com a Kelly (nome fictício), que trabalha na área há quase cinco anos, obteve-se o seguinte depoimento:

Quando comecei a pensar em entrar nessa área, eu trabalhava de garçonne em um restaurante do calçadão da praia de Iracema, naquela época eu ganhava um salário mínimo R\$ 465,00 por mês e morava no Bom Jardim (Bairro Periférico da Capital), hoje eu moro no Flet Porto de Iracema aqui mesmo na beira mar, ganho entre 5 e 8 mil por mês e estou no 4º semestre de fisioterapia na Faculdade Integrada do Ceará (FIC). Você acha mesmo que quero deixar essa vida?

Questionada sobre seu alto padrão de vida, a citada depoente reafirma que o mesmo foi proporcionado pela prostituição: “Quando entro no meu New Fiesta (Carro) com minhas joias e roupas de grife, as pessoas me olham com respeito, nem querem

saber de onde veio”. Alegando que conseguiu atingir o padrão de vida desejado e que não abandonar a atividade.

O culto ao corpo jovem, precocidade das crianças e a erotização dos programas infantis através da mídia podem ter influenciado no resultado da segunda pergunta. Um dado preocupante, pois os resultados apontam que 61% das entrevistadas entraram na prostituição entre 16 e 20 anos, seguido por 20% de 10 a 15 anos, entre 21 a 25 anos ficou com 16% e apenas 3% iniciaram na fase adulta. Vale lembrar que prática de sexo com menores de 14 anos é considerada estupro ou atentado violento ao pudor pelo Código Penal brasileiro, com pena de 6 a 10 anos de prisão. Sexo vaginal com meninas de 14 a 18 anos é “sedução de menores”, com penalidade que pode variar de 2 a 4 anos de prisão. Já a prática de sexo oral ou anal com meninos enquadra-se em corrupção de menores, cuja pena de prisão pode variar de 1 a 4 anos.

Conforme se observou na história da prostituição, vários estudiosos afirmam que as mulheres entram na prostituição como ‘forma de sobrevivência’, porém essa forma de sobrevivência das prostitutas do turismo sexual perdura por vários anos, 66% das entrevistadas afirmaram estar na atividade entre três a dez anos. Mais de dez anos com 19% e 15% com até três anos. O que pode significar que a atividade é satisfatória, duradoura e lucrativa.

Na prostituição a pobreza, falta de acesso à educação, a falta de informação, a desestrutura familiar e a gravidez cada vez mais precoce (que conseqüentemente ocorre o abandono escolar), sempre estiveram entre os principais fatores motivacionais. Porém, na pesquisa com as prostitutas do turismo sexual a falta de acesso à educação também não foi motivação para elas, a pesquisa aponta que 34% delas frequentaram a escola entre a alfabetização a 9ª (nona) série, 30% cursaram do 1º ao 3º ano do ensino médio, 26% frequentaram nível superior e apenas 10% não são alfabetizadas. Em contrapartida aparece um resultado muito satisfatório, que mesmo envolvida em um cenário tão marginalizado elas estão cada vez mais, buscando o nível superior. O que comprova também que não é a falta de informações e de emprego que as mantem nessa função.

O Turismo Internacional é o preferido por todos os agentes do turismo, por ser realizado por clientes que, geralmente, têm um poder aquisitivo maior e estão dispostos a gastar mais. (devido à valorização da moeda estrangeira em relação à moeda brasileira).

Essa preferência também acontece entre as profissionais do sexo, o cliente preferencial é o estrangeiro com 71%, seguido pelo turista nacional com 19% e 10% nativos. Flor (Nome de fictício), uma das profissionais que atuam na Avenida Abolição, afirma:

O espaço aqui nas esquinas da praia é disputadíssimo, pois sempre têm turistas circulando, uns períodos mais outros menos, mas sempre tem. Os melhores meses são as férias europeias que acontece entre agosto e outubro. Eles (Europeus) são os melhores, pagam sempre mais do que cobramos [...] Eles não tem 'miséria', até porque a moeda deles, o euro (€) esta custando três vezes mais que o real.

Segundo o Ministério do Turismo, as cidades consideradas porta de entrada do turismo no Brasil são as mais beneficiadas com a presença desses estrangeiros, Fortaleza é uma delas, devido à proximidade com o continente Europeu.

Pode-se perceber que as prostitutas têm preferência por abordagens na rua com 79%, pois alegam que nelas, de forma independente, não têm que pagar porcentagem aos facilitadores. Bares e boates com 13% da preferencia, 3% hotéis e outros com 5%. No período de baixa estação, quando o fluxo de turistas diminui em Fortaleza, elas procuram se associar a algum estabelecimento, como bares, restaurantes e hotéis e a taxistas. Como alega Penélope (Nome Fictício), profissional que atua na Beira-Mar há quase cinco anos:

“Claro que eu prefiro esta nas ruas sem pagar comissão a ninguém, mas quando o ‘bicho pega’, eu falo com uns taxistas conhecido que me indicam. Eles me levam ao encontro do cliente. Pago 20% com a corrida inclusa”.

Quando perguntada se ela classifica isso como exploração, ela alega que não, prefere definir como ‘parceria’.

Apesar de Penélope alegar não ser explorada por taxistas, a grande maioria alega já ter sido explorada por algum agente da cadeia turística. Entre os agentes mais atuantes estão os hotéis e taxistas com 50%, 29% bares e boates, seguido por cafetões com 19% e apenas 2% nunca foram exploradas. Essa exploração acontece em forma de indicação, as profissionais se associam aos recepcionistas dos hotéis, os quais as indicam e recebem

uma porcentagem do valor cobrado pelo programa. Com os taxistas acontece da mesma forma, porém de maneira mais intensa e liberal.

Conforme se observou na contextualização da pesquisa, além da ascensão social, o turismo sexual pode envolver relacionamento amoroso e sonho de casamento, 89% das entrevistadas acreditam na possibilidade de relacionamento amoroso com clientes, 6% acreditam raridade e apenas 5% não acreditam. Esse alto índice de crença se deve a constância com que isso acontece, pois 66% alegam já ter tido relacionamento sério com clientes estrangeiros, 19% com clientes nacionais, 10% com fortalezense e apenas 5% nunca tiveram envolvimento pessoal. A preferência por ‘gringos’ é em decorrência da valorização da moeda estrangeira, da possibilidade de casamento, consequentemente morar em países de primeiro mundo e de tornarem-se damas da sociedade.

Quando perguntadas se acreditam que tem turista (homem) que vêm a Fortaleza em busca de sexo como atrativo turístico, 61% acreditam que muitos, 26% poucos e 13% responderam que todos. **Complementar**

Quando perguntadas sobre qual a importância do turismo para a prostituição na cidade de Fortaleza, 90% das entrevistadas afirmaram que é muito bom, seguido por bom com 7%, e indiferente com 3%. Esse alto índice de aprovação deve-se pelo fato que quem alimenta a prostituição da área litorânea da cidade são, na grande maioria, os turistas nacionais e internacionais. Pamela (nome fictício) revela:

Eu peguei meu ponto aqui há quase um ano, e confesso que só entrei nisso por conta na facilidade em obter clientes de fora. Se fosse pra nos dependermos dos clientes daqui (Fortaleza) morreríamos de fome, pois os salários são muito baixos, muitas vezes só da nem pra sobreviver.

Pamela afirma ainda que se houvesse uma intervenção do Estado para coibir a prostituição nas áreas turísticas, muitas profissionais seriam ‘obrigadas’ a abandonar a ocupação e com certeza o fluxo turístico de lazer em Fortaleza diminuiria consideravelmente.

Referente à importância que essas profissionais atribuem aos turistas internacionais –foram unânimes – definindo-os como clientes mais lucrativos com 100% das respostas. Raissa, prostituta há três anos, explica o porquê:

Os ‘gringos’ são mais educados, gentis e até preocupam-se em ‘criar um clima’, isso é muito bom para minha alto-estima [...] Eu já namorei vários deles, fui conhecer a Alemanha, Itália e Holanda, até gostei, mas não quero abrir mão disso (prostituição) agora.

Revela Bruna de 23 anos, profissional que atua há três anos na Beira Mar.

5. CONCLUSÃO

A exploração sexual no turismo é produzida por uma série de fatores, na grande maioria a pobreza, o desemprego, a falta de estrutura familiar, principalmente quando a vítima é violentada sexualmente ou sofre maus-tratos dentro do próprio lar, não tem acesso à educação, à moradia, nem a uma alimentação de qualidade. Por este motivo, recorre ao “dinheiro fácil”, na busca de uma vida melhor ao se relacionar com um turista estrangeiro ou se envolver na cadeia criminal.

Acredita-se que a desigualdade social entre o visitante e a visitada também influencia esse tipo de turismo indesejado. Outro fator que estimula a disseminação desse tipo de turismo é a inegável associação do Brasil, de sua população, especialmente a feminina, a estereótipos que reduzem o país à sua tradição futebolística, ao Carnaval e, conseqüentemente, ao acesso ao sexo fácil. Como observado, essa imagem não é atual, porém foi algo que os próprios representantes do turismo fizeram questão de implantar ao longo dos tempos. Para que essa imagem seja esquecida, é necessário muito mais do que vem sendo feito.

Não se pode afirmar com certeza que existam turistas que venham a Fortaleza, exclusivamente, para esse tipo de turismo, mas pode-se afirmar que eles

acabam o utilizando como qualquer outro atrativo turístico. É quase impossível que esses turistas não percebam a oferta desse serviço, já que as profissionais do sexo estão visíveis nas calçadas dos hotéis e nas esquinas dos grandes restaurantes, expondo todos os seus atributos, com roupas minúsculas ou, mostrando suas partes íntimas e fazendo gestos obscenos.

Em alguns destinos turísticos, este problema ocorre devido à falta de planejamento turístico de qualidade, mais oportunidade de emprego para a comunidade local, descaso do poder público no incentivo à capacitação e melhoria de vida dessas pessoas, mesmo com a chegada de grandes equipamentos turísticos, percebe-se a ausência de políticas públicas capazes de inserir essas pessoas nas oportunidades proporcionadas pelo turismo.

Mas a responsabilidade não é apenas do poder público; associações, instituições públicas e privadas, os agentes do turismo também precisam se articular com o objetivo de buscar novas alternativas, para que a cidade não se torne alvo do turismo sexual.

Entretanto, este é um assunto polêmico que envolve outros fatores causados pela falta de incentivos dos governantes, a sociedade que não se empenha em trazer uma melhoria na qualidade de vida dos cidadãos que merecem dignidade ao poder ter um emprego através do qual possam viver dignamente e sustentar seus familiares, principalmente sem a necessidade de ingressarem nesse círculo criminoso de drogas, violência física, tráfico internacional de mulheres, exploração infanto-juvenil e doenças sexuais.

Para coibir, seria muito importante que os empresários que através do turismo comercializam a sexualidade, principalmente aos estrangeiros, sejam denunciados e punidos, para que esse tipo de turismo não destrua mais famílias e comunidades. Além do surgimento de uma legislação que não permita lacunas para o fortalecimento da exploração sexual.

Almeja-se, por fim, com este estudo contribuir para que essa imagem de país sexual seja esquecida e que o Turismo Sexual não mais seja uma característica da cidade de Fortaleza/CE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ARAÚJO, Cíntia Moller. **Ética e qualidade no turismo do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

BARRETTO, Margarita. Visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Revista Turismo em Análise**, v.15, n.2, p.133-149, nov. 2004.

BELMIRO, Marcus. **O Amor na Rede: Um estudo fenomenológico dos namoros virtuais**. Dissertação Mestrado, Unifor, 2010.

BEM, Arim Soares do. **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papyrus, 2005.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 9. Ed. São Paulo: SENAC, 2003.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no Turismo. Construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. Prefácio. In: **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papyrus, 2005.

CABEZAS, AL. **Between Love and Money: Sex, Tourism, and Citizenship in Cuba and the Dominican Republic**. *Signs: Journal of Women in Culture & Society*. 29, 4, 987, 2004. ISSN: 00979740.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo *et al.* **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

COSTA, Jean. **O (in)compreendido turismo sexual: algumas notas metodológicas para se pensar o comércio do corpo**. *Revista Espaço Acadêmico*, N 123, p. 170-179, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da Noite: a prostituição de meninas-escravas no Brasil**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

FALEIROS, Vicente de Paula. **A Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes e a Construção de Indicadores: a Crítica do Poder, da Desigualdade e do Imaginário**. Brasília: CECRIA, 1997.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 06 out. 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Turismo – EMBRATUR. Disponível em <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2014.

KAJIHARA, Kelly Akemi. **A imagem do Brasil no Exterior: Análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR, desde 1966 até os dias atuais.** São Paulo, 2008 (Pesquisa para Bacharelado)

LAGENEST, J.P Barruel de. **Mulheres em leilão: Um estudo da prostituição no Brasil.** Petropolis: Vozes, 1973.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise,** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.v.2.

OCHA, Witchayanee. **Transsexual emergence: gender variant identities in Thailand.** Culture, Health & Sexuality Vol. 14, No. 5, May 2012, 563–575

OPPERMAN, Martin. **Sex tourism. Annals of tourism research.** Nova Iorque: Elviesier Foundation, v.26, n.2, p. 251-266, 1999.

OLIVAR, José. **Adolescentes e jovens nos mercados do sexo na tríplice fronteira Brasil, Peru, Colômbia: três experiências, um tour de force e algumas reflexões.** Revista Artemis.v18 n1 p.87-102, 2014.

OLIVEIRA, Alexandra. **Prostituição Feminina, Feminismos e Diversidade de Trajetórias.** Revista Ex aequo, n.28, p. 17-30, 2013

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. **Asas do desejo.** Entrevista concedida a Manuel Alves Filho. Jornal da UNICAMP, edição 269, outubro de 2004. Disponível em: <www.unicamp.br>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. **Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para amigração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” Itália no marco do internacional.** Revista Estudos Femininos. Florianópolis, 15 (3)336, 2007

_____. **Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual.** Cadernos Pagu, n.25, p.281-326, Campinas jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200011&script=sci_abstra ct&tlng=pt>. Acesso em: 13 out. 2014.

_____. **Diálogos de Turismo:** uma viagem de Inclusão. Ministério do Turismo. p.205-245. Rio de Janeiro: IBAM, 2006. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/391/1/2008_PatriciaYukariAndradeKato.pdf>. Acesso em: 14 out. 2014.

RIVERS-MOORE, M. **But the kids are okay: motherhood, consumption and sex work in neo-liberal Latin America.***The British Journal Of Sociology.* England, 61, 4, 716-736, Dec. 2010. ISSN: 1468-4446.

ROBERTS, N. **As Prostitutas na História.** Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1992.

SECRETARIA de turismo de Fortaleza. Disponível em <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/turismo>>. Acesso em: 06 out. 2014.